



O Baba das Nigrinhas é um espaço esportivo de chistes e molequeira que reúne amigos dispostos a dar uma esticada da folia

A TARDE
Esporte
Clube



Levanta a saia e faz o gol, amiga!

No baba dos travestidos, em Pirajá, o jogo só termina quando empata e até uma "atleta" dá à luz no asfalto

PATRÍCIO GONÇALVES

Desde o início da manhã de ontem, o rebafo era geral no fim de linha de Pirajá, onde acontece o tradicional Baba das Nigrinhas, praticado por travestidos atletas. "Cidê Dudu, o juiz?", perguntava um. "E Vinagre, com o cinto de som?", perguntava outro. Marcado para as 10 horas, a partida só começou mesmo por volta do meio-dia. É que nem todo mundo tornou engov no da anterior, e o bicho pegou.

A multidão se reúne no largo, situado entre as ruas Elisário da Cruz e 24 de Agosto. Um dos jogadores, vestido de basista gestante, largou: "Ó, diga a Batman para ir lá em casa assumir o menino, porque ele meu e se sai". Os meninos também caem na brincadeira e se paramentam com lã e bustiê. "É tranqüilo ficar assim, alguns

amigos fazem gozação, mas a maioria não", explica o garoto Fábio Nascimento Cruz, 9 anos.

E menino é que não falta. Antes de o baba começar, Milton Bobó e Pedro, os fundadores, têm que pedir para os arelentos marins se comportarem. E rola o baba com toda a xoxelentagem possível. Odaliscas, piriguetes, bruxas e outras se dividem. Como não tem antidoping, cada um entra com o que quiser (e tiver) e cai para dentro. Apito dado no microfone. Regras? Algumas, esdrúxulas e anárquicas (por mais contraditório que possa parecer): abaixo do pescoço é cancela, vale pegar de mão, e a partida só termina quando os times empatam.

O jogo é fácil de entender. "É o bando de lá contra o bando de cá e seja o que Deus quiser", explica Milton. As traves são dois engradados de cerveja. Os goleiros, na mais

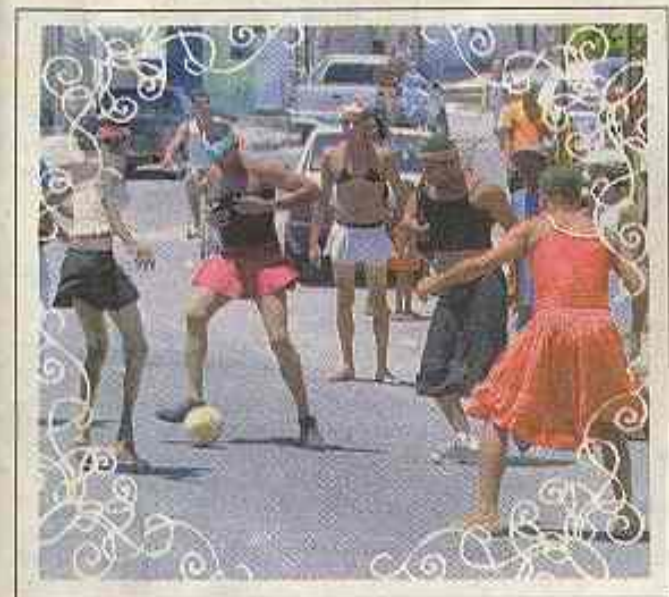
esrachada mutreta, juntam as duas (nem uma bola de tênis passa) sentam em cima e fazem poses, mostrando calcinhas enfiadas no rego.

PARTO - O juiz apita, elas afastam de novo "as traves". Sem táticas específicas, a onda é uma só: chutão pra lá e chutão pra cá. De repente, para o baba e mais um lance de surreal pândega no asfalto, digo, campo. Uma jogadora gestante está parindo. Todos se esquecem da bola e correm para ajudá-la. As gargalhadas pipocam. Gildo Santos, 35 anos, desce do salto de Tiazinha e acode o "atleta" que identifica como Cesária.

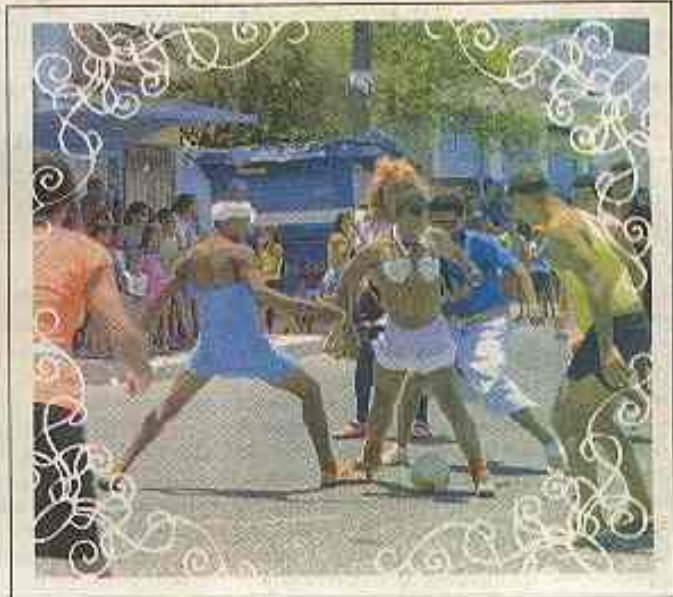
A moça dá à luz uma toalha dobrada, que arrancam das entranhas de sua fantasia. "É uma moleca", grita o locutor. A esposa dele, dona Iraci dos Santos, cai na gargalhada. "Eu gosto, é divertido", explica em

total comunhão com o espírito carnavalesco. O jogo volta. Sol a pino. Val Gordo, o Buda, fantasiado de bruxa, corre atrás da bola com uma lata de cerveja na mão. O zagueiro cola nele e saca sua arma: "Sua mulé tá com outro". Ele nem tehum e chuta pra frente. Outro lá faz um gol. A partida continua. De repente, o futebol vira handebol.

Minutos depois, um ponta-esquerda de tamanco transforma o handebol em futebol americano: corre o campo todo sem tocar para ninguém e, lá pros tantas, um bolo cai por cima dele. Doideira perde. Um contra-ataque surge de um bate-rebate, gol do "time de lá contra o time de cá". Empate. Alegria geral e um sentimento de que todo mundo ganhou. Abraços e brincadeiras vão terminar nos numerosos botecos, onde a cerveja do meio-dia sai do freezer acompanhada com um gelado vau de noiva.



Com a bola dominada, "jogadora" avança no contra-ataque



Mesmo cansados da farra, o pessoal ainda encara o baba